ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
COLAÇÃO DE GRAU DOS FORMANDOS 1º SEMESTRE 1983
ORADOR: CLAUDIO ACIOLY JR.

- Seria muita pretensão de minha parte achar que estaria aque re presentando o pensamento dos formandos de Arquitetura e Urbanismo tal a heterogeneidade de nossas cabeças e de nossa formação, com as quais convivemos nesses 5 anos de escola e que aflorou de uma forma latente em nosso último semestre, quando não pudemos alcançar um nível de discussão razoável para que hoje pelo menos o orador da turma pudesse de fato expor aqui algo, fruto desse diálogo, dessa discussão, desse debate, desse processo conjunto de descobertas: uma descoberta que inclusive nos ensinasse a conviver com nossas diferenças que são enormes.
- Nada mais me resta senão expor aquilo que considero ter sido da maior importância em nossa formação acadêmica e que nos fez refletir acerca de nosso papel enquanto arquitetos, enquanto individuos.
- Estamos neste momento num espaço cerimonial no qual enquanto estudantes participamos de assembléias e tomamos decisões importantes ao nível do movimento estudantil na UnB mas que foram, até hoje, incapazes de retirar desta Universidade o autoritarismo que aqui perdura já por 16 anos na figura do Senhor Reitor.
- Foram vários os momentos que aqui decidimos greves e mobiliza ções visando vencer tantas crises nesses 5 anos de Universida de, ora por contratação de professores, por melhores condições de ensino e pesquisa, melhoria de nossos currículos, por uma maior participação (do estudante) nossa no processo decisório na UnB e em nossos Departamentos.
- Quando aqui entrávamos como calouros, esta Universidade vivia um momento crítico visto que no ano anterior, 1977, durante uma greve, esse campus era invadido por tropas militares. Um

processo defragrado na escola de Arquitetura e que resultou na aprovação do novo currículo, este pelo qual passamos e que de tropeço em tropeço não pudemos implantá-lo em todo seu potencial.

- Se ao entrarmos já existia aqui um processo de crise indentificado com a própria história da Universidade de Brasília, ho
  je terminamos o curso com a UnB ainda nesse processo, que é
  a crise da Universidade Brasileira, mas o que é mais grave, in
  serida numa conjuntura caótica de um Brasil subdesenvolvido,
  dependente e em grave crise sócio-política-econômica.
- Estamos vivendo um processo de desnacionalização de nosso país a nível econômico, político, tecnológico, cultural que visa destruir aquilo que nos é de fundamental importância, aquilo que nos une enquanto povo, enquanto nação que é nossa cultura e nossa terra que potencialmente nos unificaria o suficiente para lutar contra o imperialismo e a dependência do Brasil ao capital estrangeiro.
- Em nenhum momento formos consultados a cerca de qualquer solução para o problema e medidas são tomadas para vencer a dita crise sem que a população brasileira tenha tido qualquer participação nas decisões.
- Não criamos tal situação nem tão pouco elegemos aqueles que ora decidem em nosso nome e saímos da Universidade com nossos salários desindexados, maxidesvalorizados, empacotados.
- A Universidade, comprometida que devia estar com a produção de conhecimento, com a melhoria da qualidade de vida da população, com a solução dos graves problemas da sociedade, a independência econômica e a soberania plena de nosso povo, sim plesmente foi colocada à parte e desvinculada radicalmente da realidade.
- Nos ressentimos dessa prática, do manuseio e da reflexão acer ca de nossa realidade mas em alguns momentosdo curso, ao nos depararmos com a problemática habitacional brasileira, tive mos oportunidade de descobrir que qualquer solução do habitat da maioria da população brasileira extrapola o universo da

- solução técnica para cair num terreno sócio-político-econômico e a exigir-nos posicionamentos não só como arquitetos mas como cidadãos brasileiros.
- Por outro lado, nossa formação acadêmica imbuida de tantos dogmas, tantas cartas, tantos principios, tantos vicios de projetos de prancheta verificados em nossos trabalhos de atelier, em órgãos públicos e privados de planejamento, arquitetura e urbanismo somados aos nossos padrões, valores e referenciais cooperam marcadamente para que nossas proposições não só mantenham mas reproduzam o atual modelo de desenvolvimento que nos levou à essa situação crítica.
- Como ser universitário hoje é um privilégio extraordinário em nosso país, o que mostra a que grau de elitização a Universidade Brasileira chegou, esses padrões não podemam de fato ser outros.
- Ao nível da edificação e planejamento urbano, como arquitetos temos reproduzido largamente um padrão de projeto e organização espacial que se diz destinar ao atendimento das necessida des da maioria da população, porém apoiados em discursos e memóriais constituiram-se várias vezes em decisões autoritárias de satisfação aos padrões dominantes.
- Essa situação nos obriga permanentemente a buscar um processo de planejamento e de projetação onde se estabeleça a participa ção dos agentes sociais interessados de uma forma aberta e democrática.
- Nos tornamos profissionais arquitetos num periodo delicado de nossa história e em cerimoniais formais como esse sempre se espera que as pessoas incumbidas de prestar um depoimento, fa lem coisas brilhantes para que nos, formandos, reflétamos à respeito.
- Não acredito nesse tipo de coisa.
- Essa reflexão e questionamento a cerca da realidade que nos cerca tem que ter acacontecido ao longo de nossa formação e foi por pensar desta forma que conseguimos formar alguns grupos de estudos e atividades paralelas à estrutura curricular.

- da escola a fim de saciar nossa sede por outros conhecimentos que não aqueles tradicionalmente fornecidos por uma escola de arquitetura.
- Sentimos também, se não todas mas muitos de nós, que além dis so, era necessário criar mecanismos que nos permitisse interferir no modelo pedagógico ao qual somos submetidos e dessa forma, conjuntamente com os professores, adequa-los aos nossos anseios, as nossas insatisfações e limitações e inserí-lo num projeto de escola na realidade brasileira.
- Surgiram as comissões paritárias de professores e estudantes e numa discussão intensa sobre o nosso papel nas instâncias de cisórias da escola, conseguimos elaborar e executar um proces so de eleição para as chefias dos dois departamentos da escola onde participamos conjuntamente com os professores e funcionários.
- O Sr. Reitor não aceitou tal processo e por outros meios, não democráticos, indicou exatamente aqueles que havíamos eleito e que aqui se encontram à mesa. De qualquer forma, esse é um processo que vem ocorrendo por quase todas as universidades brasileiras e hoje aqui na UnB vários departamentos seguiram nosso exemplo e temos certeza que tal semente será cultivada e novos passos serão dados em direção à democratização da universidade.
- Finalmente, ao passarmos por um processo de aprendizado, saimos arquitetos e com o dever de termos a humildade em reconhecer que apesar dos estágios e trabalhos, obtivemos o mínimo de formação que nos habilita à exercer a profissão e atra
  vés da prática elevar o nível de nosso conhecimento, de nosso referencial crítico e contribuir para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro.
- Se não utópico mas uma busca necessária.
- Para terminar gostaria de ler uma citação de uma dessas pessoas capazes em seu ofício e que a humanidade decidiu chamar de gênio:

- "Eu sou categórico ao afirmar que jamais considerei a pintura como simples arte do agradável, da distração; eu quis, pelo desenho e pela cor, uma vez que eram estas as minhas armas, penetrar sempre mais no conhecimento do mundo e dos homens, a fim de que este conhecimento nos libere a todos, cada dia mais... Agora eu compreendi que isto só não é suficiente; estes anos de terrível opressão me demonstraram que eu devo com bater não somente através da minha arte, mas de todo o meu ser..."

PABLO PICASSO, Paris, 1944

Discurso proferido na tarde de 30 de julho de 1983, Teatro de Arena, Universidade de Brasília.